

OS JUDEUS NO BAIRRO DO BOM RETIRO (SÃO PAULO: 1925-1955)

Ethel V. Kosminsky¹

Resumo: Tendo como base as entrevistas realizadas com mulheres judias, filhas de imigrantes, este artigo trata das condições de vida e da adaptação de judeus imigrantes no bairro do Bom Retiro e da sociabilidade que desenvolveram entre si e com os não-judeus.

Palavras-chave: imigração judaica, Bom Retiro, sociabilidade.

“Olhe, ali, é o Bom Retiro, o bairro judeu de São Paulo, só que, agora, tem bastantes coreanos vivendo lá também”, disse uma amiga para uma professora mexicana, enquanto andávamos de carro na Avenida Tiradentes, no centro de São Paulo.

Ora, essa colocação dá margem a que imaginemos a existência de um Bom Retiro exclusivamente judeu. Teria sido realmente assim? Ou outros grupos étnicos teriam também habitado o Bom Retiro, muito antes da recente imigração coreana? Considerando-se essa possibilidade, qual teria sido o relacionamento entre os diferentes grupos étnicos? E dos imigrantes judeus entre si?

Neste trabalho, tendo como base o material coletado através de entrevistas com filhas de imigrantes judeus procedentes da Europa Oriental, que se fixaram em São Paulo, procurarei responder a algumas dessas indagações. Como os imigrantes aqui referidos chegaram em São Paulo na década de 1920, as lembranças das entrevistadas sobre o bairro do Bom Retiro, onde moraram, abrangem as histórias contadas pelos seus pais e mais o que observaram ou vivenciaram, ao longo de 30 anos, de 1925 a 1955. Atualmente, as mulheres pesquisadas encontram-se na faixa dos 70 anos de idade, aproximadamente.

A escolha de mulheres, como narradoras das histórias dos imigrantes, da sua adaptação à cidade de São Paulo e da sociabilidade que nela desenvolveram, baseia-se no pressuposto de que as mulheres pelo fato de permanecerem mais tempo em casa, mantêm um relacionamento mais próximo da família e da vizinhança. (Cf. Durhan, 1978)

¹ Professora Livre-Docente de Sociologia, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNESP-Marília, Diretora de Publicações do CERU/USP. Agradeço à FAPESP e ao CNPq pelo financiamento dos projetos de pesquisa que possibilitaram a realização deste artigo.

A CHEGADA NO BAIRRO DO BOM RETIRO

São Paulo, por volta de 1890, começava a expansão industrial pela produção de bens de consumo imediato, nos setores de alimentação, vestuário e utensílios domésticos. Em 1910, já era considerado o primeiro produtor do país, empregando mais de 30.000 operários, entre homens, mulheres e crianças, a maioria de origem européia, principalmente italiana. A cidade crescia rapidamente pela incorporação dos imigrantes italianos anteriormente estabelecidos na lavoura do café e pela vinda de ex-escravos. Os dados mostram o rápido crescimento da população da cidade: de 64.934 habitantes em 1890, para 239.934 habitantes em 1900, atingindo, em 1920, o total de 579.033 habitantes². (Moura, 1982, p.15-17)

O setor secundário cresceu paralelamente ao aumento da população, tendo as indústrias se estabelecido às margens do rio Tamanduateí e do rio Tietê, próximo às estações ferroviárias e ao longo da estrada de ferro, em função do baixo preço dos terrenos e da facilidade do transporte dos produtos. Esses estabelecimentos industriais, de porte médio e pequeno - fabriquetas e pequenas oficinas, muitas vezes de caráter doméstico – se localizaram no Brás, Bom Retiro, Móoca, Água Branca, Ipiranga, imprimindo uma nova paisagem à fisionomia da cidade. Os operários, atraídos também pelas estações ferroviárias e pelos terrenos baratos e mais ainda pela possibilidade de trabalho concentraram-se em casebres e cortiços perto das indústrias. (Moura, 1982, p.16)

São Paulo daquela época ainda não era uma cidade “muito segregada”, em termos da distribuição da sua população por bairro, segundo a sua posição de classe. “Sem dúvida existiam bairros onde se concentrava a população trabalhadora – Brás, Moóca, Bom Retiro, Bixiga – ou, inversamente, aqueles onde residiam os grupos ricos – Campos Elíseos, Higienópolis ou Avenida Paulista. Mas, no seu conjunto, não só a cidade era bastante adensada, como também era freqüente a presença de cortiços em contigüidade às áreas onde residiam as camadas mais abastadas”. (Kowarick e Ant, 1988, p.53)

A urbanização da antiga chácara do Bom Retiro ocorreu na década de 1880-90, em decorrência da imigração européia, principalmente de italianos que ali se estabeleceram. Desde o seu início o Bom Retiro surgiu como bairro proletário e de imigrantes, “em virtude da presença de indústrias atraídas pela localização adjacente à ferrovia e pelas condições topográficas amenas, próximas à várzea. De um lado, a possibilidade de trabalho oferecidas por essas indústrias, de outro, a proximidade com o centro, logo fizeram do Bom Retiro um bairro de imigrantes”. (Truzzi, 2001, p.4)

² O censo de 1920 destacou os principais grupos imigratórios para São Paulo, estado e capital, em ordem decrescente: italianos, espanhóis, portugueses, japoneses, turco-asiáticos, alemães, austríacos e ingleses (Cf. Truzzi, 1992, p.9). Os censos de 1920, 1940 e 1950 apontam a primazia de São Paulo como polo receptor de estrangeiros. De acordo com o censo de 1950, São Paulo detinha 57,10% do total de estrangeiros recenseados. (Diégues Júnior, 1964, p.59)

Além do comércio e da indústria, o Bom Retiro assim como os demais bairros operários era residência dos trabalhadores, na sua maioria italianos. O constante aumento da presença dos imigrantes judeus, a partir dos anos 20, e o conseqüente desenvolvimento de atividades comerciais, vão proporcionar ao Bom Retiro “um caráter distinto de outros bairros operários congêneres da capital paulista”³. (Truzzi, 2001, p.5).

Provavelmente, já no final dos anos de 1920, início da década de 30, a fama do Bom Retiro enquanto bairro que abrigava a maior comunidade judaica do país passou a atrair imigrantes que afluam diretamente da Europa, pelo porto de Santos, ou que se mudavam de cidades onde haviam se fixado anteriormente. Helena conta como foi a chegada do seu pai, de Lodz via Recife (1928) para São Paulo, no bairro do Bom Retiro (1929-1930):

“Chegando em São Paulo, na Estação da Luz, descendo na rua Prates, grudada no jardim daquela época, encontrou um... um judeu com uma barba. Reconheceu o judeu, naturalmente, pelo modo de vestir, pela barba, e perguntou em iídiche: *Onde um jovem judeu pode ir?*” – Helena repete a frase em iídiche.

“A *yung*, a *yung*, um rapaz... é, e o... velho, o homem barbudo, de barba, não sei se velho, mas a gente faz idéia de homem de barba, daquela época, de velho mesmo. E ele foi indicado para uma mulher que dava pensão”.

A identificação que o recém-chegado fez de um membro do grupo foi baseada nos sinais externos, elementos constitutivos da identidade judaica da Europa Oriental, predominante nas aldeias e pequenas cidades: a barba comprida e a roupa preta, símbolos dos judeus ortodoxos. Presume-se que a maior parte dos judeus que vieram para o Brasil eram ortodoxos. Pode-se supor também que teria sido um velho, pois os imigrantes mais jovens já estariam usando roupas ocidentais e teriam raspados as suas barbas, como sinal de adaptação à nova sociedade.

O reconhecimento por parte do imigrante de alguém semelhante a ele próprio e o seu pedido de auxílio indicam que o grupo étnico constitui-se em um sólido ponto de apoio para o recém-chegado. Por grupo étnico, ainda a melhor definição é aquela proposta por Max Weber: “Chamamos *grupos étnicos* àqueles grupos humanos que, baseando-se na semelhança do hábito exterior e dos costumes, ou por sua vez de ambos, ou em recordações de colonização e de migração,

³ De 1881 a 1924, somente 18.889 imigrantes judeus entraram no Brasil. O maior fluxo para o Brasil ocorreu entre 1926 e 1942, quando 49.947 imigrantes judeus aqui chegaram, procedentes na sua maioria da Polônia e dos demais países da Europa Oriental. Até 1930, o maior número de imigrantes judeus entrou pelo porto do Rio de Janeiro, seguido pelo porto de Santos (Cf. Lesser, 1995, p.317). Os dados do censo de 1940 mostram que mais de 80% da população judaica no Brasil se concentrava no Estado de São Paulo, na Cidade do Rio de Janeiro (antigo Distrito Federal) e no Estado do Rio Grande do Sul, respectivamente em número de 20.379 pessoas; 19.473 pessoas; e 6.619 pessoas. Na cidade de São Paulo, a maior parte se concentrava no bairro do Bom Retiro (Cf. Lesser, 1995, p.317). Os dados do Censo Nacional de 1991 indicam um total de 86.417 judeus no Brasil, dos quais 38.843 estabelecidos no município de São Paulo. (Cf. Decol, 2000)

abrigam uma crença subjetiva em uma procedência comum, de tal modo que a crença é importante para a ampliação das comunidades”. A constituição de uma comunidade étnica não está necessariamente baseada em laços consangüíneos. (Weber, 1964, p.318)

MORADIA: QUARTOS E CORTIÇOS, CASAS E OFICINAS

A quase totalidade dos imigrantes judeus da Europa Oriental era muito pobre, como conta Amélia, referindo-se ao pai: “Ele veio junto com um amigo em 1925. Ele veio 4 dias depois do casamento, com uma mão na frente e outra atrás, como a maioria dos imigrantes”. Compartilhavam da mesma pobreza que os demais imigrantes, viviam em péssimas condições de moradia, em cortiços e em quartos alugados em casas de família. Condições essas semelhantes àquelas vividas pelos demais imigrantes, como bem apontou Margarida Maria de Andrade (2000), ao se referir aos bairros do Brás, Moóca e Belenzinho, no início do século XX, em que se multiplicavam os cortiços, formados principalmente por italianos, e também por espanhóis, portugueses, e negros.

Como os italianos chegaram primeiro, foram eles que alugaram os primeiros quartos para os imigrantes judeus. Aos poucos, porém, as próprias famílias judias passaram a alugar um quarto para os recém-vindos, constituindo-se essa atividade uma forma de complementação da sua sobrevivência. O pai de Amélia, quando chegou em São Paulo, no ano de 1925, foi morar em um quarto de pensão no Bom Retiro:

“Os primeiros anos aqui foram muitíssimo duros. Não sei como ele conseguiu, alguém indicou para ele, mal e mal, que ele foi morar num quarto em casa desse casal, que já tinha filhos, um casal judeu com filhos, judeus russos na Rua da Graça, onde ele morou até a minha mãe chegar e onde eu nasci também. E era um quarto e a minha mãe tinha direito de ficar na cozinha para preparar comida...”

Outros imigrantes judeus foram morar em cortiços, como a família materna de Helena:

“...Então, eles (os pais) vieram solteiros. Minha mãe morava numa vila, ela para entrar no banheiro da vila, que era comunitário... O banheiro, vilas que você sabe que essas casinhas assim em volta têm um pátio interno. Vila é um pátio assim, com as casinhas em volta. Eles moravam num quarto, o banheiro era de muitas famílias, cada vez que você entrava no banheiro tinha que lavar, que ela tinha nojo naturalmente. Morava com a minha avó, minha tia Ana, também solteira, e as três crianças (filhas da irmã falecida na Polônia)”.

Uma outra alternativa de moradia encontrada pelos imigrantes, provavelmente posterior às anteriores aqui referidas, foi a associação do local de trabalho à

residência. Esse tipo de associação foi bastante comum entre os imigrantes, nos bairros habitados por trabalhadores (Moura, 1982), a família abre um pequeno negócio, seja ele um bazar, ou uma pequena oficina de costura ou ainda uma pequena mercearia e faz do cômodo de trás da casa a sua moradia. Foi o caso da mãe de Helena: “Depois ela casou-se com meu pai... que eu saiba foram, abriram um bazar, foram para José Paulino, ela tinha casa no fundo... um quarto...”

Mesmo quando o imigrante “melhora de vida”, ele ainda mantém, durante algum tempo, a habitação combinada com a oficina de costura. Conta Helena que, os seus pais

“foram melhorando de vida, e eles compraram uma casa na Rua da Graça, uma casa muito boa, uma das casas mais bonitas da região. Eu tinha oito anos, quando mudamos para lá. A primeira coisa que os imigrantes queriam era ter uma coisa fixa para morarem. E... na Rua da Graça, meus pais, meu pai já pôs a fábrica no fundo, ele reformou, tinha uma garagem, para quem tinha que entrar de carro; no quarto de empregada, eles abriram e fizeram a fábrica lá. Então eles fizeram a fábrica lá no fundo, tinha algumas costureiras, sei lá, tinha uma cortadeira, meu pai cortava, aquelas máquinas, que tinham roda, ele punha numa mesa grande, cortava e costurava”.

MASCATES E EMPRESÁRIOS: O VELHO E O NOVO MUNDO

Muitos imigrantes judeus, assim como os sírio-libaneses, trabalharam como vendedor ambulante, onde quer que tivessem se fixado. Assim, em Recife, o pai de Helena “trabalhou como *klienteltchik*⁴ (...). Depois de um tempo, ele... juntou um dinheiro, desceu de Recife para Santos e de Santos para São Paulo, onde naturalmente ele já tinha ouvido falar que tinha uma coletividade, uma comunidade judaica grande.”

No Bom Retiro, os recém-chegados, ao que tudo indica, costumavam bater nas portas dos italianos para vender as suas mercadorias e, apesar de muitos seguirem as regras de alimentação *kosher*⁵, é provável que tenham também se abastecido de “bebidas e alimentos nas vendas, armazéns, pastifícios e padarias do bairro, em boa parte de propriedade de italianos”. (Truzzi, 2001, p.16)

No entanto, quando as levas seguintes de imigrantes chegaram no Bom Retiro, já encontraram o mercado saturado, dirigiram-se então com as suas mercadorias, adquiridas no próprio Bom Retiro, para outros bairros. Amélia conta como o seu pai e os demais imigrantes exerciam o comércio ambulante:

“Eles vendiam assim, tinha muitos que vendiam gravatas, eles se punham assim num lugar, com as gravatas assim expostas, o meu pai saía com roupas, coitado, com aqueles pacotes enormes. Eram malas, depois ele comprou aqui-

⁴ Em ífídiche, vendedor à prestação, ambulante, mascate.

⁵ Kosher, regulamentação rabínica a respeito da alimentação seguida pelos judeus religiosos.

lo que se chamava aranha, era uma charrete, ele teve uma charrete com cavalo e eu ficava, na esquina, esperando ele chegar porque tinha uma cocheira na Rua Newton Prado. Então eles compravam no próprio Bom Retiro, eles conseguiam crédito, alguns judeus tinham lojas, aí eles conseguiam crédito, compravam um pouco de mercadoria e saíam carregando mesmo”.

“O meu pai carregando, escolhia um bairro, o meu pai trabalhava no Cambuci. Tinha um amigo dele que trabalhava em Vila Mariana, outro que trabalhava no Belém e batiam, como se fala hoje, de porta em porta, *D. Maria quer comprar alguma coisa?* Vendiam, tinham cartões. Eu tenho até hoje cartões de lembrança. Cartões que marcavam o dia que vendia, aí elas pagavam um pouquinho, muitas pagavam por semana. Andavam com pacote mesmo nas costas, era duro, tomavam o bonde e iam para um determinado bairro, ou Vila Mariana, Cambuci, Belém, Penha, iam até lá desciam, iam batendo de porta em porta fazendo a freguesia e muitas vezes levavam calote”.

“O meu pai mesmo, quantas vezes levou calote, mas, em geral, era gente honesta, pagava pouquinho, naquele tempo era mil-réis, sei lá, 5 mil réis, 2 mil réis, uns pagavam por semana, outros pagavam por mês, tinha o cartão, marcava quanto recebia e depois a conta estava menor já vendia mais alguma coisa. Outros vendiam só cobertores, vendiam roupa, uns iam para o interior, deixavam família aqui, passavam a semana no interior depois vinham para cá, mas era o judeu da prestação mesmo que, na época, eles chamavam o russo da prestação porque nem sabiam direito o que era judeu, falavam... nem sabiam direito o que era judeu, para eles era o russo, era o russo da prestação e a tal D. Maria que os judeus falavam, eles iam trabalhar com a D. Maria porque eram donas de casa, empregadas para quem eles vendiam as coisas”.

Os judeus e os sírio-libaneses introduziram a venda a prazo, e ambos eram chamados, respectivamente, de “russo da prestação” e de “turco da prestação”. Os sírio-libaneses eram denominados de turcos pelo fato da maioria dos membros do grupo ter imigrado com passaportes turcos (Truzzi, 1992, p.28). No caso dos judeus, pode-se supor uma situação semelhante, o fato de alguns terem vindo do antigo Império Russo e se estabelecido em São Paulo, no Bom Retiro, antes da I Guerra Mundial, deve ter levado os não-judeus a considerá-los como “russos”, tendo essa denominação sido ampliada para aqueles que vieram após a I Guerra, na sua maioria, poloneses.

No Bom Retiro, os imigrantes judeus estabeleceram-se como vendedores ambulantes, artesãos e operários, atividades essas que já exerciam antes da sua emigração. Desse modo a sua inserção urbana anterior irá favorecer o seu processo de adaptação à vida na cidade de São Paulo e o seu conseqüente desempenho ocupacional.

“Meu pai – diz Helena - veio de uma cidade grande que é Lodz, a maior cidade industrial da Polônia e trabalhava na fábrica de um tio, a fábrica era dessas carnes em conserva tipo *vursh*, essas coisas. Parece-me que era pessoa, nos termos deles, abonada ou pelo menos tinha um nível de vida melhor, o meu pai era operário, pelo que eu entendi. Inclusive o meu irmão tem ainda um cartão de associado ao sindicato dos empregados, o sindicato era um

sindicato judeu, tem escrita em ídiche de um lado e escrito em polonês do outro, o nome do sindicato dos empregados em fábricas de *vursht*, essas coisas assim.”

Em São Paulo, o pai de Helena “começou a trabalhar em açougue... ligado a carnes. Depois, quando ele começou a namorar a minha mãe, ele já era sócio do açougue, que era no Brás”.

Muito embora não se tenha informações sobre a presença da mulher judia exercendo atividades remuneradas fora de casa, pode-se supor que a experiência que trouxeram da Europa tenha favorecido a sua integração ocupacional e influenciado de forma positiva a ascensão social de sua família. Mesmo quando foram atuar em áreas para as quais não tinham o devido preparo, elas detinham a aptidão para o trabalho. Esse foi o caso da mãe da Helena:

“Minha mãe vem de uma família também pobre de uma cidade mais perto de Varsóvia, Riky. Minha mãe sempre teve, tinha um tino comercial e contava que, desde os cinco anos, ajudava a mãe dela, a minha avó, que tinha no mercado, ou na feira, uma banca. E ela subia desde os cinco anos no banco dessa banquinha, dessa banca para ajudar a vender. Então ela já tinha um espírito comercial.”

“Ela vendia, naturalmente, miudezas: linha, elástico, essas coisas de bazar. A minha avó, a mãe de minha mãe, era chamada de *tshainik*, ela fazia chá. Eu preciso confirmar direito, se ela também fazia o chá para vender lá nessa feira. *Tshainik*, é coisa ligada a chaleira”.

“E minha mãe contava, como eu estava dizendo, que sempre teve um espírito comercial, de comerciante. Com catorze anos, quinze anos mais ou menos, ela alugou, uma porta tipo garagem ou um corredor largo e fez uma pequena loja, tipo de bazar: linhas, agulha. Fechou com cortina atrás e ela e essa minha tia Ana, irmã dela, viviam atrás, dormiam atrás. Imagine, naquela época, claro que era uma cidade do tamanho de um ovo (...)”

“E ela foi então morar nessa lojinha que ela abriu e ia sempre para Varsóvia, fazer compras, cidade grande; verdade que ela tinha tios lá em Varsóvia. Grandes comerciantes, mas eles (a família da mãe) eram pobres e ela era respeitadíssima (...) e ela ia nos grandes, e davam-lhe crédito, primeiro porque ela tinha os tios que eram comerciantes, mas depois foram dando pelo seu próprio valor.”

Chegando em São Paulo, no Bom Retiro, a mãe de Helena foi trabalhar:

“E minha mãe arrumou um emprego para costurar bolsa numa fábrica dos Mairovich, os Mairovich tinham uma fábrica de bolsas e perguntaram para ela se ela tinha prática de costura, ela disse: *Tenho, claro*. E ela foi pisar no pedal da máquina, a máquina era de pedal. E a máquina ia para trás, ela não sabia coisíssima nenhuma, mas ela precisava trabalhar, queria trabalhar. E foi trabalhar na fábrica de bolsas dos Mairovich.”

No entanto, a presença de judeus, especialmente de mulheres, como operárias não parece ter sido longa. Depois de casados, os pais de Helena abriram um pequeno bazar, onde

“vendiam agulha, linha, fitas, lenço, camisas, cuecas, essas coisas assim. Tinham um bazar, então moravam (num quarto no fundo) na José Paulino. Em cima, era um sobrado, morava um dentista judeu que nunca tinha lenço limpo, ia comprar da minha mãe o lenço. Vizinhança, José Paulino era formada por comerciantes judeus, lojas de judeus... muita gente começou a vida lá, gente que chegou antes deles, ou...”

As mulheres imigrantes parecem ter encontrado um duplo padrão de comportamento na sociedade brasileira da época. De um lado as mulheres pobres, italianas, que trabalhavam como operárias. Do outro lado, as mulheres da elite e da incipiente classe média que dificilmente trabalhavam. Muito embora não haja um consenso a respeito da predominância ou não da família patriarcal no Brasil, os valores defendidos por esse tipo de organização familiar parecem ter penetrado todas as camadas sociais daquele tempo. A própria imigração pode ter contribuído para a manutenção dos antigos padrões, “não somente porque os imigrantes adotam traços semipatriarcais através do contato cultural, mas porque em muitos casos eles próprios são portadores de traços semelhantes”. (Cândido, 1951, p.306-307)

Na sociedade judaica da Europa Oriental, as mulheres enfrentavam uma situação contraditória. Nessa sociedade tradicional, baseada na família patriarcal, a mulher detinha uma posição subordinada, dispoñdo de pouca autoridade religiosa. Cabia à mulher a manutenção da religião no lar: preparar a casa para o *Schabat*⁶, e para os grandes dias do calendário judaico; educar os filhos no amor ao estudo, no amor ao conhecimento e no dever para com os outros; observar as leis *Kosher* no preparo dos alimentos.

No entanto, o casamento trazia a expectativa de que a mulher iria dividir com o homem a responsabilidade de sustentar a família e, até mesmo, sustentar o marido, no caso daquelas que tinham se casado com um estudioso⁷. Essa parceria proporcionava à mulher autoridade familiar e um contato com o mercado e de uma certa forma com o mundo. Na ausência do marido, a mulher poderia assumir parte das suas obrigações, exceto o seu papel na sinagoga. Essa flexibilidade de gênero ao longo da divisão da responsabilidade de manutenção da família ajudou a modificar o domínio patriarcal e obscureceu as linhas entre os papéis de gênero. (Cf. Glenn, 1993, p.14)

Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que a mulher era mantida submissa e restrita à esfera doméstica, excluída da maior parte da atividade religiosa, exigia-se dela a obrigação de contribuir com a maior parte do sustento da família e de

⁶ O *Schabat* começa no entardecer da sexta-feira e vai até o entardecer do sábado. Mesmo em épocas amargas, o *Schabat* para os judeus significa o tempo do milagre, quando mesmo o mais pobre se sente como um rei em comunhão com o Todo-Poderoso. (Rosten, 1972, p.444)

⁷ Na Europa Oriental, muitas mulheres sustentavam os maridos, para que estes nunca precisassem fazer outra coisa a não ser estudar o *Talmude*, frequentar a *Bet Midrash* (Casa de Estudo) e a sinagoga. Era considerada uma grande honra para a família contar com um estudioso entre seus membros. (Cf. Rosten, 1973, p.198)

desenvolver papéis agressivos e articulados com o mundo mais amplo. Não foi por acaso que muitas mulheres jovens romperam com a vida confinada que levavam, ainda, na Rússia. (Cf. Harris, 1975, p.vii)

Embora muitas mulheres fossem analfabetas, elas não eram impedidas de ter educação. No entanto, a educação recebida pelas meninas judias era inferior àquela dada aos meninos. Nas cidades mais desenvolvidas, as famílias que dispunham de mais recursos mandavam as suas filhas para o ginásio.

No Brasil, em São Paulo, cidade em rápido processo de industrialização e em franco desenvolvimento comercial, as mulheres judias irão encontrar também uma situação ambígua: precisavam trabalhar, mas o trabalho da mulher, uma necessidade de sobrevivência, não era bem visto quer pelos seus próprios vizinhos conterrâneos, quer pelos demais vizinhos não-judeus. A história da mãe de Helena ilustra bem essa afirmação:

“E nessa época, em 1937, 38, minha mãe trabalhava muito, ela saía de mala e vinha com o mostruário de bonde, para ir nos bairros da Penha, da Lapa, é... vendedora, como vendedora das roupas da fábrica. Vendedora, não a varejo, mas para vender para as lojas. Representante. Agora o termo é representante.”

“Era muito trabalho. Minha mãe então era assim uma zorra, de pegar bonde com mala, ela conta que, uma vez, perguntaram para ela: *Seu marido está doente?* Ela falou: *Não, por quê? Porque a senhora está trabalhando.* Falou: *Precisa meu marido estar morrendo para eu trabalhar?* – Helena ri. Você imagina a mentalidade da época, que seu marido está morrendo ou doente para a mulher trabalhar.”

“Então, ela disse: *Precisa meu marido estar doente ou estar morto para eu trabalhar, ajudar?* Ela ia assim, de loja em loja, oferecendo a mercadoria, era uma mercadoria que eu acho que eles podiam ter... se aprimorado mais, era uma coisa... uma mercadoria simples. Eu lembro bem dos terninhos marinheiros de menino, aventalzinho de organdi para menina.”

A carga cultural que os imigrantes trouxeram consigo e mais as condições favoráveis que encontraram a partir de 1920, com a expansão da indústria, facilitaram o seu progresso e a sua integração na economia do país. Através de poupança e de longas horas de trabalho, as suas pequenas oficinas e bazares se expandiram e deram lugar a estabelecimentos fabris e comerciais de sucesso. (Cf. Rattner, 1987, p.190)

A criação de uma rede de associações comunitárias, bem estruturadas, tais como, escolas, a primeira foi fundada em 1916 (Falbel, 1984, p.124); sinagogas, a primeira data de 1912, associações de crédito, associações formadas a partir do local de origem dos imigrantes (*landsmanshaften*), associações de assistência social e de saúde, lar para idosos, associações culturais e recreativas – tudo isso favoreceu o processo de adaptação do imigrante à nova sociedade. (Cf. Febrot, 1990, p.217-218)

AQUELES QUE NÃO “FIZERAM A AMÉRICA”

Mas, nem todos os imigrantes judeus “fizeram a América”. É o que Amélia conta a respeito do seu pai. Os imigrantes aqui chegavam

“sonhando sempre com uma vida melhor. Quando vieram para cá, de fato, muitos se fizeram e outros não. Mas o meu pai nunca deveria, ele nunca foi feito para esse trabalho, ele não sabia vender e teria tido outra oportunidade se ele tivesse sido um professor, se tivesse feito outras coisas, ele nunca se fez assim economicamente, dava assim para eles viverem, mas, nunca muito bem porque não era o jeito dele vender, ele não sabia vender. Ele chegou aqui em 1925. Imagine, chegar um imigrante junto com um amigo, num país, sem ninguém porque ele foi o primeiro a chegar da cidade dele e sem a língua, sem dinheiro, foi muito duro”.

A pobreza estava presente no cotidiano de muitos judeus. Amélia recorda-se da pequena quantidade de alimentos que então se comprava no Bom Retiro:

“O que mais eu posso lhe lembrar? Me lembrar das vendinhas dos judeus, vendiam 100 gramas de açúcar, 100 gramas de farinha, não era como hoje que tinha pacote, tinha vendinhas, eram vendinhas mesmo na rua Prates, como hoje existe, ainda hoje, nos bairros. Mas eram vendinhas que os donos eram judeus, então não tinha pacote de açúcar nem de farinha, mas entrava alguém e comprava 100 grs. de farinha, 100 grs. de... Ninguém tinha muito dinheiro, então, comprava um pouquinho para o dia a dia e ... tinha poucas geladeiras, então deixavam gelo na porta, derretia um pouco, eram aquelas geladeiras pequenas, que punha gelo dentro, era um pouquinho, dois, três ovos, então era uma vida completamente diferente. Lojinhas, os bazarzinhos, era tudo pequenino, depois é que foi crescendo tudo e mudou tudo, depois os judeus começaram a sair do Bom Retiro”.

A pobreza atingia toda a família, especialmente, as crianças, como diz Helena, referindo-se a sua mãe:

“Ela estava grávida de mim, um vestido que ela lavava de noite, diz ela, e de manhã secava, eles tinham um bazar, que só tinha vestidos de gravidez. Passaram um bocadinho, sabe? Gente muito batalhadora. Fizeram um bazar na José Paulino, no Bom Retiro, minha mãe conta, ela já me tinha a mim, depois meu irmão, quatorze meses depois, e ela não queria um terceiro filho, mas acontece... E ela teve a terceira que é minha irmã, Clara e não tinha dinheiro para o leite, para comprar leite para minha irmã, para mim também... pedia emprestado para os vizinhos.”

OS ESTUDOS E AS ASPIRAÇÕES DE CLASSE MÉDIA

Os imigrantes, mesmo os mais pobres, compartilhavam dos valores da classe média da época, no que se refere aos estudos dos filhos. Conta Amélia que:

“Todos os filhos, a maioria, as moças tinham que aprender piano, mesmo gostando ou não, eu mesmo tive que aprender piano, e eu não gostava. O meu marido tocava violino, os rapazes aprendiam violino. Sabe que era o maior orgulho desses imigrantes poder por um filho numa escola, poder dar conhecimento para esse filho, por tudo aquilo que eles tinham sofrido de não poder nem aprender. Porque muitos vieram, eu lembro minha mãe, ela escrevia, lia e muitas vinham na casa dela para ela escrever cartas. Meu pai e minha mãe nesse ponto já eram cultos por eles mesmos, autodidatas, mas eram. Mas vinham amigas, vizinhas antes da guerra, isso eu me lembro, elas falavam o que queriam e elas escreviam cartas para Europa, para os parentes delas. Quando chegavam as cartas, minha mãe lia as cartas para elas”.

“Imagina você sair da tua terra, da tua família, para um país estranho sem dinheiro, sem língua e você ter que se agüentar e viver e passar por tantas experiências, deve ter sido... Eles foram heróis e conseguir educar filhos e... mas, era o maior orgulho mesmo. Eu me lembro, quando eu me formei na escola, nossa, meu pai e minha mãe convidaram todos os amigos... e que aliás com tudo, tudo foram momentos de muita alegria para esses imigrantes de então. Eles faziam todos os filhos aprender música e inglês e ir para a escola. E foram filhos, gente muito esforçada, alunos do Caetano de Campos, de ginásio do Estado, naquela época era considerado dos melhores, foram os que entraram na Politécnica, na Escola de Medicina, foi uma leva de gente maravilhosa e que deu muito de si”.

O crescimento da classe média, naquela época, e mais o fato dos imigrantes judeus assumirem o ideário dessa classe, presente na preocupação em proporcionar aos filhos o acesso ao curso superior de modo a que se tornassem profissionais liberais, garantiram a ascensão social e a integração dos imigrantes e dos seus filhos na sociedade brasileira. (Cf. Rattner, 1987, p.190)

A preocupação com os estudos (religiosos) fazia parte da antiga sociedade judaica da Europa Oriental. Nessa sociedade, os estudos religiosos santificavam a vida do devoto e, ao mesmo tempo, conferiam-lhe o status social mais alto dentro da comunidade⁸. No final do século XIX, sob o impacto de transformações estrutu-

⁸ “O sábio, diz o *Talmude*, tem precedência sobre o rei”. (Rosten, 1972, p.327)

⁹ O grosso da imigração dirigida para o Brasil era rural. Calcula-se que 70% da imigração italiana tenha tido origem e destino rural. Este seria o caso de 50% da imigração portuguesa, considerada a mais urbana de todas as migrações clássicas. Neste contexto, alguns grupos, como judeus, sírios e libaneses, se diferenciavam, por apresentar características singulares. Em primeiro lugar, o fato de serem mais urbanos. Esta característica é particularmente significativa no caso dos judeus, que se urbanizaram mais cedo do que a maioria dos grupos populacionais e de forma universal. (Decol, 2000, p.9)

¹⁰ A prática da religião judaica implicava na leitura dos livros sagrados em hebraico. Na Europa Oriental, os meninos costumavam freqüentar o Cheder, a escola judaica elementar, particular, para o ensino do hebraico, da Bíblia e dos fundamentos do judaísmo. Os imigrantes falavam e escreviam em iídiche, basicamente o alemão da Idade Média com algumas palavras eslavas e em hebraico, escrito com caracteres hebraicos. Assim, a exigência religiosa, implicava em que a quase total maioria dos homens sabia ler e escrever. Por ser uma religião eminentemente masculina, no que se refere aos rituais executados na sinagoga, não era exigido das mulheres que soubessem ler e escrever. Mesmo assim, algumas sabiam ler e escrever o iídiche. O fato dos imigrantes serem alfabetizados na sua língua de origem facilitava a aquisição da língua do país receptor.

rais, os judeus dos centros mais urbanizados passaram a buscar educação secular. A socióloga norte-americana Ewa Morawska, observou nos Estados Unidos uma postura semelhante àquela encontrada entre os judeus brasileiros, o anseio pela educação secular que, no seu entender, teria ocorrido em massa naquele país. Não obstante a sua secularização, contudo, o *takhlis* (o objetivo) de estudar permaneceu como um aspecto obrigatório, inerente ao grupo. Encontrando um meio apropriado, essa atitude pode facilmente fundir-se com uma nova religião secular de ampliação dos estudos para a ascensão social, que se difundiu entre os americanos de classe média. (Cf. Morawska, 1996, p.176)

A ascensão social dos imigrantes judeus parece ter sido mais rápida do que a dos italianos. Certamente que, o fato dos judeus terem experiência de trabalho urbano anterior à emigração⁹ e de serem alfabetizados na sua maioria¹⁰ deve ter contribuído para isso. Entre os italianos, grande número era analfabeto, como se depreende do levantamento realizado na indústria de fiação e tecelagem, fundada no Bom Retiro em 1884. Essa indústria que, na virada do século, era a terceira maior indústria da capital, com mais de 300 trabalhadores, na sua esmagadora maioria estrangeiros, contava, no ano de 1912, com mais de 70% da mão de obra composta por italianos, somando os brasileiros pouco mais de 20%. “Operários solteiros (82%) e analfabetos (60%) eram a grande maioria. Entre os italianos, a proporção de analfabetos era maior (70%)”. (Truzzi, 2001, p.3-4)

AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS DO BOM RETIRO

Ainda nos anos 20, os judeus começam a formar núcleos habitacionais judaicos em outros bairros fora do Bom Retiro. Certamente que era mais fácil para eles morarem no Bom Retiro do que em um bairro mais afastado, com pouca vizinhança judia e carente de associações judaicas; mas em compensação, eles escapavam da concorrência, que era mais acirrada no Bom Retiro, além de estarem mais próximos da sua clientela.

Entre os bairros habitados por judeus destacavam-se o Brás, que era o maior bairro italiano, “com grande comércio, notadamente o de mobiliário, ao qual os judeus aderiram, pois já tinham prática e conhecimento do ramo”. No Brás, havia sinagoga e escola judaica próprias, esta última fundada em 1935. O bairro seguinte, em termos de importância da presença judaica, foi o Cambuci, mais pobre do que o Bom Retiro e também habitado por italianos. O Cambuci chegou a ter sinagoga e escola judaica. Os judeus também se estabeleceram em Pinheiros, onde fundaram uma sinagoga e, posteriormente, uma escola. Havia também núcleos judaicos no Ipiranga, na Vila Prudente e na Penha. Embora tivessem suas próprias escolas e sinagogas, os judeus desses bairros ainda dependiam do Bom Retiro, das suas associações culturais e recreativas, e do “Círculo Israelita”, associação cultural fundada em 1926 e que se localizava fora do Bom Retiro. (Cf. Febrot, 1990, p.221)

Na década de 30, o Bom Retiro mostrava cada vez mais a sua influência judaica, muito embora os italianos ainda predominassem. O censo estadual de 1934 apontou que estes últimos representavam cerca de um terço da população residente no bairro. No entanto, este censo apresenta um sério problema, ele distingue apenas nove nacionalidades (portugueses, italianos, espanhóis, alemães, austríacos, húngaros, russos, japoneses e sírios) entre os estrangeiros recenseados. Aqueles que não se classificavam em uma dessas categorias foram enquadrados sob o item “outras nacionalidades”. Esse foi o caso de muitos judeus de origem não russa. “Por causa disso, os valores dessa categoria para o bairro do Bom Retiro são extremamente elevados, chegando a alcançar em algumas áreas do bairro (sobretudo na parte alta) cifras acima de 40% da população residente”. (Truzzi, 2001, p.7-8)

Outro levantamento realizado, provavelmente, no início de 1940, mostra a grande porcentagem de estrangeiros vivendo no bairro. Florestan Fernandes, na pesquisa sobre as *trocinhas*, grupos infantis formados nas ruas do Bom Retiro com a finalidade de recreação, publicada originalmente em 1944, levantou a nacionalidade dos pais das crianças pertencentes aos “grupos infantis localizados na área compreendida entre as ruas da Graça, Correia de Melo, Correia dos Santos e Três Rios. Sob o item estrangeiros estão compreendidos, predominantemente, russos e italianos”. Dentro da categoria estrangeiros, o autor encontrou 64% de mães e 71% de pais; 1% de filhos e 5% de filhas. Dentro da categoria brasileiros, deparou-se com 36% de mães e 29% de pais; 99% de filhos e 95% de filhas (Fernandes: 1979:189). Os judeus devem ter sido incluídos dentro da categoria “russo”, como eles eram denominados no bairro. Infelizmente, o autor não discrimina as duas categorias, o objetivo do seu trabalho era outro.

Na época em que o censo estadual de 1934 foi realizado, é provável que a maior parte dos judeus trabalhasse como mascates. Vários, no entanto já tinham estabelecido lojas no bairro. Concentravam-se na fabricação e comércio de confecções. Nesse período, os judeus ainda compartilhavam o comércio do bairro com os outros grupos étnicos, principalmente, com os italianos. Mas, a partir de 1945, os judeus passaram a predominar no comércio da parte “alta” do Bom Retiro. (Cf. Truzzi, 2001, p. 8)

Na década de 1940, o Bom Retiro transformou-se pelas construções de novas moradias destinadas às pessoas de maior poder aquisitivo, entre as quais, judeus e italianos, ao que tudo indica com o predomínio dos primeiros. Essa diferenciação social interna ao bairro transparece na referida pesquisa de Florestan Fernandes.

“No Bom Retiro pudemos, entretanto observar que os meninos de classe pobre e dos *status* mais baixos da classe média se agrupam quase indistintamente, enquanto que os da classe rica e os dos mais altos *status* da classe média constituem grupos fechados, se puderem. Nas zonas residências de luxo, os tipos

de associação podem variar um pouco, indo deste esquema (brinquedos caros, fiscalização pelas amas ou pelos pais, etc.), contribuindo para um maior isolamento ainda dos *ricos*". (Fernandes, 1979, p.167)

No entanto, assinala Florestan Fernandes que, a diferença de status social não impede a proximidade existente entre meninos da *classe rica* e meninos da *classe pobre e média*, devido à ausência de delimitação rígida entre os seus locais de moradia, de modo geral.

Observa o autor que, nas *trocinhas* dos meninos e das meninas há variações na incorporação que os grupos infantis fazem se a criança é pobre, de classe média ou grã-fino. Devido à dificuldade dos meninos pobres da rua da Graça de pertencerem à *trocinha* dos meninos ricos, aqueles chamam a *trocinha* dos judeus de *trocinhas dos Bangalôs*.

No entanto, apesar dessas diferenciações "parecem predominar os padrões democráticos de conduta", incluindo aí a posição dos grupos em relação à nacionalidade.

"A segregação dos participantes do grupo, racial ou nacionalmente distinguíveis, se faz mais por causa das transgressões às normas ou aos conflitos por eles mesmos criados. Talvez haja motivos que facilitem esses conflitos (as xingações); entretanto, segundo o que observamos, as relações entre os imaturos, nesses grupos, é de igual para igual, a menos que os elementos etnicamente diferentes queiram fazer predominar os seus pontos de vista ou valores. Nestes casos, há segregação. Como já falamos, os meninos judeus da *rua da Graça estão nessa situação, constituindo a trocinha dos Bangalôs, ou dos Gambás* (p.167).

Florestan Fernandes explicita os fundamentos desses padrões:

"A própria natureza do grupo infantil em ação favorece a inexistência de distinções extremas entre as crianças, as quais vivem num mundo próprio, seu, nos folgedos, com uma hierarquia e um sistema de valores exclusivos. Doutro lado, essas distinções não existem no meio social ambiente, a ponto de influir nas avaliações das crianças. O máximo que podemos observar, relativamente à nacionalidade (quase sempre a dos pais), foi a troca de xingações, como as seguintes: judeus, por gambás; brasileiro macaco; vendedor de ferro velho, para o espanhóis (ou simplesmente ferro velho, garrafa vazia); carcamano, para o italiano; tiçuno, pau de fumo, etc., para o negro; Tekago na Kara, japonês, etc., para o japonês" (p.167-168).

A importância da pesquisa de Florestan Fernandes para este artigo está em mostrar a ausência de segregação étnica entre as crianças, o que as teria impedido de brincar em conjunto. O fato das crianças formarem grupos de recreação é um indício da convivência de diversas etnias, principalmente da judaica, da italiana e da brasileira e do papel preponderante das relações de vizinhança entre esses diversos grupos étnicos. A distinção que parece haver entre as crianças é decorrente da posição social ocupada pelos pais, o que também não as impede de brincarem

juntas, uma vez que a cidade de São Paulo daquela época ainda não era tão socialmente segregada quanto viria a ser posteriormente.

No início dos anos 40 já havia uma diferenciação social entre os próprios judeus, habitantes do Bom Retiro. Aqueles que se encontravam em melhores condições econômicas, encontravam-se no “alto” Bom Retiro, que começava no Jardim da Luz e ia até o fim da rua José Paulino ou quando muito até a rua Solon. Em seguida, o “baixo” Bom Retiro, que se estendia até a várzea do rio Tietê, onde os judeus eram poucos e esparsos, predominando os italianos. Ainda no “alto” Bom Retiro havia diferenças patrimoniais: “num pequeno trecho da rua da Graça situava-se uma dúzia de bangalôs (assim eram chamados os palacetinhos geminados dos anos 20 e 50) e por volta de 40 formara-se um habitat imobiliário e mobiliário mais rico em torno do Jardim da Luz, como, por exemplo, a Vila Império, que contrastava visivelmente com a Vila Minerva”. (Febrot: 1990, p.221)

Helena descreve a casa em que morava com a família na rua Prates, no “alto” Bom Retiro:

“Depois (da José Paulino, na Vila Paulista), eles (os pais) foram morar na Rua Prates, defronte do Jardim da Luz, eu acho que já tinham os três filhos, numa casa boa com um jardimzinho na frente, era alugada, já de melhor nível, tinha três dormitórios em cima e minha avó morava com a minha mãe, toda a vida morou com a minha mãe. Ela tomava conta da casa, dos netos, da gente. Eram casinhas novas. Então, vizinho tinha um italiano, depois tinha um outro judeu, eram três casas, depois tinha uma vila de casas mesmo. Tinha alguns judeus naquelas... vizinhança.”

“Muito boa, a dona Mariquinha (italiana) me lembro agora dela... era muito boa, era vizinha de parede... Casas geminadas que chamavam, não é? Não sei se ainda chamam se chamam assim. Era muito boa a relação, mas a minha mãe ficava o dia todo na loja. Ela só vinha almoçar, a minha avó fazia o almoço. Minha avó cozinhava, cuidando... ela também tinha essa possibilidade de trabalhar, porque tinha alguém que ficasse em casa e cozinhava e... tinha empregada já naquela época, eu me lembro.”

“Quando foram para Rua Prates, meu pai em 1937, 38, eu me lembro muito bem de um Chevrolet 34, mas eles queriam era uma casa para morar. Aí ele vendeu o carro, e minha mãe trabalhava muito (...), e assim eles foram melhorando de vida, e eles compraram uma casa na Rua da Graça, uma casa muito boa, umas das casas mais bonitas, da região.”

Na década de 1940, falava-se *ídiche* na parte “alta” do Bom Retiro, homens andavam de barba nas ruas com as vestimentas do Velho Mundo, lojas vendiam alimentos *Kosher*, e mais a presença de escolas e associações judaicas, a exibição de filmes e a apresentação de peças de teatro em *ídiche* – tudo isso poderia levar alguém a pensar naquele conjunto de ruas como sendo um enclave étnico.

No entanto, o conceito de enclave étnico não se coaduna com a experiência imigratória brasileira, e sim, com aquela vivida por imigrantes judeus e italianos na cidade de Nova York, na virada do século XX. Mostra a antropóloga norte-

americana Nancy Foner, que italianos e judeus, dois grandes fluxos imigratórios que ocorreram no mesmo período de tempo, de meados do século XIX até 1924, viviam enquistados em áreas próximas uns dos outros em Manhattan, mas raramente eram vizinhos¹¹.

Pesquisa baseada nos dados do censo de 1910 e de 1920 mostra um alto nível de segregação residencial para cada grupo. No seu estudo sobre imigrantes italianos, a historiadora Miriam Cohen descobriu que era extremamente difícil encontrar um quarteirão em Manhattan em 1905 (e 1925) que fosse uma mistura de italianos e judeus “porque a maioria dos quarteirões era esmagadoramente dominada, senão exclusivamente povoada, por um ou outro grupo imigrante. Além disso, um quarteirão que possa ter sido etnicamente misto em 1905 estava quase que certamente em uma etapa de transição, para ser logo dominado por um ou outro grupo em 1925”. (Cohen, 1982. In: Foner, 2000, p.40-41)

Essa situação é também apontada na autobiografia de Gertrude Ford (1981) sobre o Lower East Side, a parte de Manhattan, predominantemente habitada por judeus procedentes da Europa Oriental. Conta a autora do estranhamento, mal-estar e receio vivido pela sua família e demais vizinhos judeus diante da chegada de um italiano para morar no apartamento do prédio em que residiam. Isso, provavelmente no final da década de 1910.

No caso do Lower East Side, em Nova York, nas últimas décadas do século XIX, formou-se um verdadeiro enclave de judeus da Europa Oriental, e a própria área era vista pelos olhos do público como um símbolo da identidade judaica. Assim, quando o herói do romance de Abraham Cahan, “The rise of David Levinsky”, desembarca do navio, um nova-yorquino lhe diz: *Ande em frente... Continue andando que você vai ver um bocadão de judeus*. (Cahan, 1960 [1917]. In: Foner, 2000, p.19)

Bem diferente do caso do Bom Retiro, onde havia uma convivência entre judeus e italianos, inclusive na chamada parte “alta” do bairro. Essa convivência decorrente das relações de vizinhança surgiu desde a vinda dos primeiros imigrantes judeus, quando os dois grupos compartilharam da mesma pobreza, vivendo em cortiços e em quartos alugados em casas de família. Esse relacionamento ampliou-se para as relações comerciais, desenvolvendo uma certa “complementaridade econômica” entre as duas etnias. O levantamento das firmas existentes no bairro, entre 1933 e 1945, aponta para a concentração dos judeus no ramo de confecções, enquanto que os italianos distribuía-se entre a fabricação e a comercialização de alimentos, e as oficinas. (Cf. Truzzi, 2001, p.16)

Tão importante para essa aproximação quanto as relações comerciais, foram as relações desenvolvidas pelas crianças nas suas brincadeiras de ruas que,

¹¹ A migração judaica da Europa Oriental para os Estados Unidos começou muito mais cedo, contando com um fluxo muito maior de pessoas do que o Brasil. De 1881 a 1924, 2.650.000 imigrantes judeus chegaram nos Estados Unidos, procedentes dos países da Europa Oriental, tendo a maioria se fixado na cidade de Nova York, mais precisamente no Lower East Side. (Cf. Metzker e Golden, 1971)

certamente, conduziram à aproximação dos pais entre si, e à incorporação de traços da cultura uns dos outros¹². Afinal, os grupos étnicos podem – não obstante, a manutenção da sua língua ou dialeto, dos seus padrões de parentesco e da sua cozinha – incorporar traços culturais de outros grupos étnicos, pois aqueles são simplesmente os possíveis acompanhamentos da etnicidade, não os seus elementos essenciais. As culturas étnicas podem mudar, mesmo que os grupos étnicos permaneçam. O que faz um grupo étnico diferente da maioria de outros tipos de grupos sociais e constitui a condição *sine qua non* de sua existência é o fato dos membros do grupo étnico compartilharem de uma identidade comum baseada em uma história compartilhada. (Cf. Alba, 1985, p.17)

AS DIFERENÇAS CULTURAIS E POLÍTICAS NO BAIRRO DO BOM RETIRO

Muito embora a relação entre os judeus e seus vizinhos (italianos e brasileiros) possa ter sido amistosa, coadunado-se assim com a ideologia dominante da convivência harmoniosa de raças e de etnias (Cf. DaMatta, 1984, p.58-85), de fato o judeu era um “estrangeiro”, no sentido colocado por Simmel. A sua “posição no grupo é determinada, essencialmente, pelo fato de não ter pertencido a ele desde o começo, pelo fato de ter introduzido qualidades que não se originaram nem poderiam se originar no próprio grupo” (Simmel, 1983, p.182). Quais seriam essas qualidades? O exercício do comércio, as diferenças de religião, de língua, de costumes e a prática do casamento endogâmico.

Essas diferenças culturais entre os diversos grupos étnicos no bairro do Bom Retiro acentuaram-se, em certos momentos, levando a conflitos e agressões, algumas vezes, herdadas ainda da Europa Oriental, como diz Amélia:

“A vida no Bom Retiro era uma vida muito judaica, era... Naquela época, tinha, praticamente, tinha só judeus, muito judeus, tinha italianos, e o que veio muito, vieram muitos lituanos. E eles moravam nos porões, quando eles bebiam, eles pensavam que estavam na Lituânia, eles queriam bater nos judeus porque eles pensavam que, eles estavam lá ainda, eles xingavam e quando chegava *Rosh Hashanah*, *Yom Kippur*, eles saiam, eles queriam puxar as barbas dos judeus religiosos porque eles não sabiam que estavam no Brasil. Esses lituanos, esses poloneses cristãos bebiam muito. Engraçado que eles iam procurar morar no Bom Retiro e ao mesmo tempo de tão anti-semitas, eles também moravam no Bom Retiro perto dos judeus”.

Os judeus imigraram para o Brasil, um país de cultura predominantemente católica, estabeleceram-se na sua maioria na cidade de São Paulo, no bairro do Bom Retiro, formado principalmente por italianos. Essa convivência de judeus,

¹² Considerando-se o papel ativo da criança como agente socializador dos pais imigrantes na cultura brasileira, pode-se supor que além das relações de vizinhança, os pais italianos e judeus iam adquirindo traços da cultura brasileira, principalmente, através das crianças que desempenharam um papel ativo, contribuindo para a brasileiração dos pais. (Cf. Fernandes, 1979, p.189)

italianos e brasileiros foi até certo ponto pacífica se comparada com o anti-semitismo enfrentado pelos judeus na Europa Oriental. No entanto, durante as comemorações das grandes datas da religião católica, as crianças não-judias costumavam perseguir as judias, talvez até mesmo incentivadas por um padre da igreja próxima. Diz Amélia:

“Agora quando chegava na Semana Santa, no dia de matar Judas, eu morria de medo, porque os *goym*¹³, os meninhos *goym*, eles queriam matar mesmo porque todos os judeus tinham matado Jesus. Tinha até um padre, naquela época, na Rua Tenente Pena, que ele subia lá no púlpito falando que todo os judeus eram culpados de matar Jesus e aí esses judeus barbudos na rua, muitas vezes a criançada jogava pedra, puxava pela barba”.

Na época de Vargas, ocorreu um fato irônico, que certamente deve ter deixado os judeus muito assustados. Eles que já haviam passado pelos *pogroms* da Europa Oriental, foram confundidos com alemães:

“No tempo do Getúlio Vargas, ele tinha o Felinto Miller, que era lá da polícia. Sabia-se que ele era um grande anti-semita. O Getúlio por pouco, pouco, não ficou ao lado do Eixo. Então os judeus... aliás, um episódio muito interessante. Meus pais tinham amigos que moravam no bairro do Belém e quase todo o domingo eles iam para casa desses amigos, era um grupo grande, de Opole, ou esses amigos vinham na casa dos meus pais. Num domingo nós fomos lá e a gente passava o dia todo lá, um grupo de amigos e nós, crianças, fomos todos para a casa desse amigos em Belém”.

“Eles moravam bem longe do ponto do bonde e foi no tempo da guerra, era proibido falar alemão, japonês, quando o Brasil entrou na guerra. Saímos lá da casa, sei lá, devia ser umas nove, dez horas da noite, e os homens, meu pai com os outros amigos iam na frente falando ídiche, nós crianças e as mães andando atrás. De repente, aparece uns investigadores e dão voz de prisão para todos esses homens, dizendo que eles estavam falando alemão e que eles eram espiões”.

“Chamaram um carro de presos que, naquele tempo, era grande, enfiaram todos os homens dentro desse carro e eu me lembro que o meu pai ainda contou que tinha bêbado nesse carro. Eles foram todos urinados e levaram eles todos aí perto da estação Sorocabana, era o DOPS. Todos para lá, minha mãe chorando, todas as mulheres se descabelando, e eles não queriam ouvir falar nada, eles disseram que eles estavam falando em alemão e que eles eram espiões e aí eles ficaram presos a noite toda. Lembro-me depois, não me lembro direito, quem conseguiu por eles para fora, foi logo comunicado para outros judeus o que estava acontecendo, foram na delegacia, até explicar, eu sei que eles passaram a noite na prisão”.

“No dia seguinte saíram da prisão, bom isso foi motivo de muito riso, mais tarde, entre eles mesmo lembrando o que tinha acontecido, mas, na hora foi uma tragédia muito grande, porque por falar em ídiche ser confundido com

¹³ Goy e Goym, respectivamente singular e plural de não-judeu, gentio.

alemão. E escuta para os japoneses e para os alemães foi uma época muito ruim mesmo porque eles eram perseguidos, como sempre a politicagem, mudando de lado, então as coisas vão mudando”.

A SOCIABILIDADE “DEMOCRÁTICA”

Os membros de um grupo étnico, enquanto portadores de uma experiência comum aos membros do grupo, percebem a si próprios como estando arrodoados por uma espécie de fronteira, que os separa dos demais grupos (Cf. Alba, 1985, p.17). Dessa forma, tendem a interagir entre eles próprios e a desenvolver um forte sentimento de pertencimento ao grupo. (Cf. Seyferth, 1988)

A busca de semelhantes por parte dos elementos do grupo étnico permite a realização da “sociabilidade democrática”, que corresponde, segundo Simmel, à sociabilidade entre iguais. Trata-se de uma sociabilidade que “só pode se realizar no interior de um dado estrato social” (Simmel, 1983, p.172). Chegando no Bom Retiro, após resolver a questão da moradia e do trabalho, com a ajuda de *landsman* (conterrâneo), o pai de Helena passou a freqüentar “o clube, que era um clube de esquerda de jovem, *Yuguend*, a palavra *Yuguend* é de jovem, ele freqüentou esse clube, e foi onde ele conheceu minha mãe, naturalmente que iniciaram a vida a dois.”

Essa “sociabilidade democrática”, entre pessoas que pertencem à mesma comunidade étnica, concretizava-se no relacionamento próximo entre os imigrantes, na solidariedade diante das necessidades entre os membros do grupo étnico judeu, principalmente entre aqueles que vieram da mesma cidadezinha e que chegaram, até mesmo, a constituir associações baseadas no local de origem, *as landsmanshaften*.

Conta Amélia:

“Acho que, quando eu tinha mais ou menos um ano e meio, perto de dois anos, nós mudamos para a Rua Ribeiro de Lima e lá se tornou, da minha infância que eu lembro, o centro desses imigrantes que vinham dessa vilazinha, de Opole. Como é perto da Estação da Luz, essa Rua Ribeiro de Lima é bem onde os meus pais moravam, o pessoal descia do navio em Santos, tomava o trem para a Estação da Luz, já vinha direto para casa dos meus pais. Então, praticamente todos os imigrantes dessa vila passavam pela casa dos meus pais”.

“E eu me lembro bem que minha mãe tinha trazido ainda da Europa o que eles chamavam de *ibebert*, que não era um colchão, era como se fosse um acolchoado que vinha em cima da cama para depois por o colchão e depois vinha o lençol e se chama *ibebert*. (Fica entre o estrado e o colchão) para amolecer um pouco, naquela época eram colchões de crina.”

“Então, eu lembro que sempre que vinha algum imigrante, minha mãe tirava esse *ibebert* da cama, punha no chão na nossa casa, era uma casa grande na Rua Ribeiro de Lima, já punha um lençol e o primeiro passo dos imigrantes era para a casa dos meus pais, pelo menos eles tinham sempre um lugar para dormir, para passar uns dias, para depois poderem achar algum canto para morar, algum canto para ficar. Eu, naquela época, posso dizer até, graças a

Deus, que não sou mimada, não fui mimada porque eu, entre todos os imigrantes, era a única criança, naquela época, porque a maioria veio sozinha e depois traziam as mulheres”.

“Tinha muitas reuniões na minha casa, onde o pessoal se encontrava para discutir livros e discutir literatura, discutir situações políticas. Enfim eu passei a minha infância dentro de um ambiente muito bom. As pessoas não tinham condições mas eram muito alegres e uma vida muito alegre, tinha aquelas vitrolinhas pequenas que viravam assim, então sempre apareciam os amigos em casa com discos, tocavam os discos e todo o mundo dançava. Não tinha o luxo de hoje. Lembro a minha mãe punha na mesa arenque com tomate, e um bolo – Amélia ri - e estava feita a festa e todos sentiam muita a falta da família, então se procuravam muito. Estávamos sempre juntos, estávamos sempre juntos e se procurando, morei assim no Bom Retiro até os sete anos de idade”.

A sociabilidade expressava-se também nas relações entre os vizinhos judeus, como diz Amélia:

“A gente se dava muito, naquela época não havia assaltos, então na casa dos meus pais nunca se fechava a porta nem com chave nem com nada, tinha uma cordinha, cada um abria a porta e já entrava direto para casa dos meus pais. Os meus pais já estavam melhorzinhos de vida, nós morávamos na Ribeira de Lima. Então eles sempre alugavam um quarto também para imigrantes, não exatamente da cidade deles, de outras, mas sempre tinha gente morando em casa. E a gente... nas noites bonitas, todo o mundo punha cadeiras fora, sentava, conversava”.

É possível até mesmo traçar um mapa da sociabilidade desenvolvida pela vizinhança, como faz Helena:

“Primeiro, no Bom Retiro, eu tive muitos vizinhos judeus... chamávamos a turma da Rua da Graça, então eu tive vários grupos. Fiz turma com o pessoal de esquerda, pessoal dos sionistas da Rua Prates, e pessoal do grupo da Rua da Graça, como chamava a rua que eu morava. Na frente morava o Cuca, morava pegado ao cartório civil do Bom Retiro, depois morava o Chico, vários outros, várias casas, casinhas assim com jardimzinho na frente, parecido com aquele que eu tinha lá na rua Prates, de judeus. Então eu me dava muito bem com aquela vizinhança”.

Dentro desse mapa é necessário incluir o Jardim da Luz, como conta Helena: “Morávamos perto do Jardim da Luz, ela (mãe) ia passear com as crianças, de vez em quando, com os carrinhos e... teve contato naturalmente com outros imigrantes, e... lembram de mim dessa época, porque eu já era maiorzinha, cinco anos, quatro anos, que eu, péssima memória, lembro vagamente deles.”

As formas de sociabilidade extrapolavam os limites do bairro, através da realização de atividades de lazer, como diz Amélia:

“Ah, outras coisas que os judeus faziam muito, iam para a Vila Galvão. Naquela época, nós íamos fazer piquenique, isso era interessante. Tomávamos

um trem e era aquela turma toda, sabe que era muito bonito? Nos domingos, cada um levava um lanchinho, eu me lembro a minha mãe preparava bolinho de carne, já frito, pepino, pão preto, essas coisas ídiche, outro levava não-sei-o-quê.”

“Tomávamos um trem na rua da Cantareira e íamos para Vila Galvão e tinha, tem o rio lá. E sentávamos na grama, tenho fotos disso, com as toalhas, com os cobertores, os homens, eu me lembro o meu pai de calção, alugava um barco a remo e punha aquele barco e todos os amigos juntos. Ia um grupo de vinte, trinta (pessoas), mulheres, as famílias, as mulheres, os maridos, as crianças, todo o mundo junto, punha aquela comida, piquenique mesmo, sabe? Mas era muito bonito, muito agradável e passávamos o dia todo lá em Vila Galvão, depois a gente voltava para casa. Isso foram anos, durante anos se fazia isso. O meu pai nadava no rio e alugava barco e estavam todos juntos e rindo, e conversando, voltava de trem, você pode imaginar, era vazio tudo, não tinha essa multidão (de hoje)”.

As notícias da guerra na Europa estreitaram mais ainda as relações entre os membros do grupo étnico. Conta Amélia:

“A gente não sabia o que estava se passando porque tinha a guerra, mas, ninguém sabia o que estava se passando. Então, depois, começaram a chegar as notícias de campo de concentração, mas, isso demorou para chegar, essa notícias não foram vindo logo, foram notícias que demoraram bastante para chegar. Então a gente se encontrava, vira e mexe, quando chegava uma notícia, ia todo o mundo para sinagoga, então vieram aquelas notícias horrosas, concentração, todos que tinham morrido”.

A essas formas de sociabilidade, entre os membros da mesma comunidade étnica, caracterizadas pelo seu aspecto democrático, podemos chamar de positiva. No entanto, os membros da comunidade étnica também desenvolveram formas de sociabilidade marcadas pelo conflito, a sociabilidade negativa, constituída principalmente no decorrer das relações de trabalho. Conta Helena: “Depois ele (o pai), mais tarde, quando já havia casado com a minha mãe, ele ficou sócio de um outro cara numa fábrica de bonés, eu não vou citar nomes porque a família não foi muito... aí acabou a sociedade”.

As memórias das entrevistadas referem-se às lembranças de mais de 60 anos. Talvez por isso a sociabilidade positiva interna ao grupo apareça com mais força do que a negativa. À medida que os anos vão passando, as lembranças da infância e da adolescência tendem a parecer mais felizes do que realmente foram: são as saudades de uma época em que tudo era novo, tempo de descobertas e de aventuras. (Cf. Bosi, 1983)

Ocorreram também formas de interação social entre os imigrantes judeus e os seus vizinhos não-judeus. Devido à maior concentração de judeus no bairro, tudo indica que a sociabilidade interna prevalecia em relação à externa ao grupo. Assim, Helena apenas lembra que a D. Mariquinha (italiana) “era muito boa, era vizinha de parede”, na Rua Prates.

Apesar da bibliografia consultada apontar para a proximidade do relacionamento entre judeus e italianos, as entrevistadas pouco se referem a isso, o que não significa que não tenha acontecido. Explicações podem ser encontradas nas próprias entrevistadas: a ausência de memória pode estar relacionada ao fato desse relacionamento ter sido considerado secundário na época, tendo prevalecido o relacionamento interno ao grupo, como os vívidos relatos mostram. Além disso, estamos lidando com lembranças de mais de 60 anos, assim é natural que algumas delas tenham se desvanecido.

Muito embora não estejamos tratando aqui da sociabilidade formal, isto é, daquela desenvolvida em associações, é preciso assinalar que o contato entre judeus e não-judeus acontecia também na Casa do Povo. Amélia lembra-se das idas à Casa do Povo com o seu pai: “Tinha depois a Casa do Povo, que era dos socialistas, que era onde os meus pais freqüentavam. Lembro-me de ouvir conferências do Jorge Amado, de outros escritores, então era uma vida cultural muito bonita, sempre havia conferências, eu ia junto com os meus pais...”

FIM DO BOM RETIRO JUDAICO?

A partir do final da década de 1940, os imigrantes judeus (lojistas e fabricantes), que haviam ascendido socialmente, perceberam as desvantagens de residir em um bairro misto, industrial-comercial e ao mesmo tempo residencial, muito embora, naquele tempo, o “alto” do Bom Retiro já fosse nitidamente de classe média (Febrot, 1990, p.221). Muitos mudaram-se então para o bairro de Higienópolis e para os Jardins. Conta Helena que:

“Quando eu entrei, na faculdade, em 1953, mudamos para os Jardins. E fomos para os Jardins, para a Rua Maestro Chiafarelli, continuação da Pamplona, meu pai comprou uma casa, reformou, nós mudamos para lá. Muitos dos nossos amigos, já moravam nos Jardins. Ele vendeu a casa da Rua da Graça, que ele não tinha dinheiro para as duas não. E, agora é um prédio lá. E... lá nós tínhamos vizinhos que eu saiba, não judeus.”

Para aqueles que não haviam ascendido socialmente, o Bom Retiro havia se tornado demasiado caro. Para muitos a Vila Mariana, na época um bairro de classe média pobre, surgiu como uma alternativa. A família de Amélia que, por dificuldades financeiras, já havia se mudado uma vez do Bom Retiro para o Cambuci, deixou então definitivamente o bairro do Bom Retiro:

“Depois de três anos (no Cambuci), nós voltamos para o Bom Retiro e eu morei lá até mocinha, sai do Bom Retiro devia ter uns dezessete anos, tivemos que sair da casa porque não era própria, o meu pai não pôde pagar mais aquele aluguel que era alto. Aí mudamos para Vila Mariana, onde eu morei até casar e foi onde eu conheci os Karabtchevsky e toda essa turma (...). Tinha, tinha judeus em Vila Mariana.”

Nem todos os judeus, porém, mudaram-se do Bom Retiro. Segundo os dados do censo de 1980, o Bom Retiro apresentava a porcentagem mais elevada de concentração de judeus: 21,4% do total da população do bairro. Em seguida, o bairro de Santa Cecília, no qual os judeus representavam pouco mais de 8% da população local. Em nenhum destes bairros, no entanto, os judeus constituíam a maioria da população. Infelizmente, não dispomos de dados recentes, que mostrem a proporção atual de judeus residentes no bairro do Bom Retiro e nem nos demais bairros referidos ao longo deste artigo. É importante assinalar que, com o fim das migrações, São Paulo também registrou uma perda significativa do número de judeus a partir de 1980: os que se identificaram como judeus diminuíram de 41.000 em 1980 para menos de 39.000 em 1991. (Decol, 2000, p.18)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Bom Retiro, bairro em que predominaram os italianos e os judeus, prossegue na sua saga de bairro imigrante, contando com a presença coreana desde meados de 1970. Se o Bom Retiro foi formado por imigrantes italianos e judeus, por que ficou com a fama de ter sido “o bairro judeu”? A partir de 1945, os judeus passaram a predominar na parte “alta” do Bom Retiro. Em meados de 1950, muitos já começaram a sair do bairro. Como explicar essa fama que perdura até hoje? Provavelmente pelas transformações que incorporaram ao bairro através do comércio e da construção de novas moradias, sinagogas, escolas e associações, enfim pela sua presença “estranha” em um bairro eminentemente católico. As condições concretas, objetivas de vida do bairro mudaram, bem como os grupos étnicos que o formaram, mas a fama, como uma representação que se tem do objeto, ainda persiste na memória das pessoas como um espaço marcado com características específicas.

Diferentemente do Lower East Side, em Nova York, reconhecido por judeus e não-judeus como uma área eminentemente judaica, transformada em mito da origem e do pioneirismo judaico-americano (Cf. Diner, 2000), o Bom Retiro é visto por judeus e não-judeus como um exemplo da “convivência étnica” entre os vários grupos étnicos. Cada sociedade é dotada de um ou vários mitos que dão o fundamento de sua existência, cimentando as relações entre os seus membros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBA, Richard. *Italian American: into the twilight of ethnicity*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1985.
- ANDRADE, Margarida Maria de. Brás, Moóca e Belenzinho: formação e dissolução dos antigos bairros “italianos” além-Tamanduateí. *Revista do Migrante*, CEM, v,13, n.38, set./dez. 2000.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.

- CANDIDO, Antonio. The Brazilian Family. In: SMITH, T. Lynn; MARCHANT, A. (Org). *Brazil: Portrait of Half a Continent*. New York: Dryden, 1951.
- DaMATTA, Roberto. A fábula das três raças, ou o problema do racismo à brasileira. In: *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- DECOL, René Daniel. Judeus no Brasil: explorando os dados censitários. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.46. 2000.
- DIÉGUES JÚNIOR, M. *Imigração, urbanização e industrialização*. Rio de Janeiro: INEP, 1964.
- DINER, Hasia R. *Lower East Side Memories: a Jewish Place in America*. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- DURHAN, Eunice. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FALBEL, Nachman. *Estudos sobre a comunidade judaica no Brasil*. São Paulo: Federação Israelita do Estado de São Paulo, 1984.
- FEBROT, Luiz Izrael. Cidade judaica: gênese. In: MEDINA, Cremilda (Org.). *Paulicéia prometida*. São Paulo: CJE/ECA/USP, 1990.
- FERNANDES, Florestan. As "trocinhas" do Bom Retiro. In: *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- FONER, Nancy. *From Ellis Island to JFK: New York's Two Great Waves of Immigration*. New Haven: Yale University Press/ New York: Russel Sage Foundation, 2000.
- GLENN, S. A. *Daughters of the Shtetl*. 2.ed. Ithaca: Cornell University, 1993
- HARRIS, A K. Introduction. In: YEZIERSKA, Anzia. *Bread Givers*. New York: Persea Books, 1975.
- KOWARICK, L.; ANT, C. Cem anos de promiscuidade: o cortiço na cidade de São Paulo. In: KOWARICK, L. (Org.). *As lutas sociais e a cidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- LESSER, J. *O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- METZKER, I.; GOLDEN, H. *A Bintel Brief*. New York: Scoken Books, 1971.
- MORAWSKA, E. *Insecure Prosperity: Small-Town Jews in Industrial America, 1890-1940*. Princeton: Princeton University, 1996.
- MOURA, Esmeralda Blanco B. de. *Mulheres e menores no trabalho infantil: os fatores sexo e idade na dinâmica do capital*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- RATTNER, H. *Tradição e mudança: a comunidade judaica em São Paulo*: Federação Israelita do Estado de São Paulo/Instituto de Relações Humanas do Comitê Judaico Americano, 1970. mimeo
- RATTNER, H. Economic and Social Mobility of Jews in Brazil. In: ELKIN, J.; MERKX, G. (Eds.). *The Jewish Presence in Latin America*. Boston: Allen & Unwin, 1987.
- ROSTEN, L. *Treasure of Jewish Quotations*. New York: McGraw-Hill, 1972
- SEYFERTH, G. Imigração e colonização alemã no Brasil: uma revisão da bibliografia. *BIB*, n.25, 1988.
- SIMMEL, Georg. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). *Georg Simmel: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- TRUZZI, Oswaldo. *De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Sumaré, 1991.
- TRUZZI, Oswaldo. Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo. *Revista Estudos Históricos*, FGV, n.28, 2001.
- WEBER, Max. Comunidades étnicas. *Economia y sociedad*, v.1, 1964.

Abstract: Based on interviews with Jewish women, who are the daughters of immigrants, this article deals with the living conditions of Jewish immigrants and their adaptation to the Bom Retiro neighborhood and also their sociability both in and out of their own group.

Keywords: Jewish immigration, Bom Retiro, sociability.